

A relação médico-paciente sofre influência de informações de saúde on-line?

Is doctor-patient relationship influenced by health online information?

Área de interesse: **Bioética**

RESUMO

Objetivos: Analisar opiniões e atitudes relatadas por médicos especialistas frente às informações de saúde on-line e suas interferências na relação médico-paciente. **Métodos:** Estudo transversal desenvolvido entre 2016 e 2017 em Recife-Pernambuco-Brasil que utilizou um questionário presencialmente em uma população de 183 médicos especialistas do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira. Os resultados foram analisados através do *Statistical Package for the Social Sciences*. Obtida aprovação do Comitê de Ética sob o número de comprovante 121004/2016. **Resultados:** Na opinião de 85,2% dos médicos, as informações on-line sobre saúde têm tanto impacto positivo quanto negativo na relação médico-paciente. Diante de um paciente questionador que diz ter pesquisado informações na rede, 98,9% dos médicos fazem com que o usuário entenda as razões sobre seu diagnóstico e tratamento. 59% já tiveram paciente que modificou o tratamento recomendado por ter visto informações na Internet. 73,8% concordam que as informações on-line sobre saúde têm efeitos positivos para o público em geral, mas 89,1% opina que a maioria dos pacientes não sabe quais informações sobre saúde on-line são confiáveis. **Conclusão:** Os médicos pesquisados veem as informações on-line sobre saúde de forma positiva, mas percebem que é necessário ter cautela quanto as repercussões das mesmas sob o tratamento dos pacientes. Há preocupação quanto a acurácia dessas informações, cabendo ao médico e às instituições de saúde instruir os pacientes quanto as fontes de qualidade e que estejam acessíveis ao entendimento de leigos, visto que os pacientes passaram a ter voz ativa através da garantia do princípio ético da autonomia.

Unitermos: Internet; Relações Médico-Paciente; Papel do Médico; Participação do Paciente

ABSTRACT

Objectives: To analyze the opinions and attitudes reported by medical specialists regarding online health information and their interference in the doctor-patient relationship. **Methods:** A cross-sectional study developed between 2016 and 2017 in Recife-Pernambuco-Brazil, which used a questionnaire in person in a population of 183 specialists from the Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira. The results were analyzed through the Statistical Package for the Social Sciences. Obtained approval of the Ethics Committee under the voucher number 121004/2016. **Results:** In the opinion of 85.2% of physicians, online health information has both positive and negative impacts on the physician-patient relationship. Faced with a questioning patient who claims to have researched information on the internet, 98.9% of the physicians said would try to explain the reasons for their diagnosis and treatment. 59% already had a patient who modified the treatment recommended after seeing health information on the Internet. 73.8% agreed that online health information has positive effects for the general public, but 89.1% feel that most patients do not know which online health information is reliable. **Conclusion:** The physicians surveyed view online health information in a positive way, but realize that it is necessary to exercise caution as to their repercussions under the treatment of patients. There is concern about the accuracy of online health information, and it is incumbent upon the physician and health institutions to instruct the patients about the sources of quality and that they are able to understand, as it is known the patients have an active voice through the guarantee of the ethical principle of autonomy.

Keywords: Internet; Physician-Patient Relations; Physician's Role; Patient Participation

I. INTRODUÇÃO

A utilização maciça da Internet e outras mídias como fontes de pesquisa para obtenção de informações sobre processos de saúde-doença vem causando impactos na relação médico-paciente. O Modelo Sacerdotal da relação médico-paciente, como definido por Robert Veatch em 1972, que propõe completa submissão do paciente ao médico, vem sendo substituído pelo Modelo Colegial, no qual o poder de decisão é compartilhado de forma igualitária e não há relação de superioridade ou inferioridade.¹

Alguns estudos estrangeiros evidenciam que mais de 40% dos pacientes procuram informações on-line antes de se submeterem a procedimento ou antes de consultarem um médico.^{2,3} Após a consulta, muitos baseiam suas decisões de saúde a partir de informações encontradas on-line sem discutir sobre essas informações com o profissional médico.^{4,5} Nesse sentido, muitas vezes o médico não está ciente do turbilhão de dúvidas e anseios que o paciente apresenta. Esse desencontro de informações pode omitir detalhes importantes na anamnese, o que repercute no tratamento e prognóstico do paciente, gerando desconfiança entre os dois sujeitos em comunicação.

Frequentemente a pesquisa, entre pacientes, sobre saúde on-line reflete a insatisfação e o descontentamento que alguns pacientes têm ao consultarem formalmente um profissional médico.² É possível que esse desagrado expressado por muitos pacientes decorra da atual fragmentação da medicina em áreas especializadas, de forma que atualmente o médico tende a não olhar mais o paciente como sujeito que expressa desejos, vontades e expectativas, mas como uma parte de um todo. Dessa forma, o aspecto biopsicossocial da doença é esquecido.⁶

Apesar das informações on-line sobre saúde e doenças serem, muitas vezes, esclarecedoras, o paciente pode obter múltiplas e diferentes respostas para suas dúvidas, já que muitas das fontes apresentam informações equivocadas. Além disso, o nível intelectual do paciente é um fator que tem impacto na interpretação das informações coletadas, o que torna o paciente vulnerável a expressões emocionais de ansiedade diante dessas informações.²

Frente ao acesso amplo às informações sobre saúde, qual deve ser a atitude do médico diante dessa nova realidade de inúmeros subsídios tecnológicos? O Código de Ética Médica, do Conselho Federal de Medicina brasileiro, em seu Capítulo XIII “Publicidade Médica”, no Artigo 144, diz ser vedado ao médico prescrever, consultar ou diagnosticar através de meios de comunicação de massa.⁷ Assim, a relação médico-paciente no âmbito on-line impõe responsabilidades e novos desafios para esses profissionais.

As opiniões dos médicos sobre o impacto das informações sobre saúde que estão disponíveis on-line e nos meios de comunicação de massa precisam ser melhor conhecidas no Brasil. Além disso, reconhece-se a real necessidade de discussão sobre o tema da relação médico-paciente frente à era da informação, em busca de aperfeiçoamento da comunicação entre profissional médico e o seu cliente. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar opiniões e atitudes relatadas por médicos especialistas frente às informações de saúde on-line e suas interferências na relação médico-paciente.

II. MÉTODOS

Refere-se a um estudo transversal analítico desenvolvido entre abril de 2016 até julho de 2017 em Recife-Pernambuco-Brasil. No presente estudo, 183 médicos especialistas que realizam atendimento nos ambulatórios de Ginecologia e Obstetrícia, Clínica Médica e subespecialidades, Dermatologia, Cirurgia Geral, Oncologia Clínica, Cirurgia Oncológica e Cirurgia Plástica do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) receberam, de forma presencial nos períodos de intervalo de suas atividades profissionais, um questionário elaborado pelos pesquisadores com base na literatura.

A amostra de profissionais participantes foi obtida a partir da consulta no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). Os pesquisados foram selecionados, no momento da coleta, mediante disponibilidade dos mesmos para responder o questionário, já que foram abordados pelos

pesquisadores em seu local de trabalho. Foram excluídos os médicos que não se disponibilizaram a responder o questionário e a participar da pesquisa e os que estavam afastados de suas atividades profissionais durante o período da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada em duas fases: a primeira fase correspondeu à validação semântica do questionário estruturado com 10 profissionais que não participaram do estudo, a fim de avaliar a clareza e a pertinência das perguntas e adequação da escala de resposta para possíveis correções, antes da sua aplicação no estudo. Após a validação semântica do questionário, foi realizada a segunda fase da coleta, na qual os voluntários responderam ao questionário final.

O questionário continha, além de informações sobre o perfil sócio demográfico dos pesquisados, questionamentos sobre atitudes e opiniões dos médicos frente às informações de saúde na internet e em outras mídias. A última parte do questionário era do tipo escala Likert com 5 opções de respostas para as sentenças (discordo totalmente, discordo, sem opinião, concordo e concordo totalmente), versando sobre o mesmo tema: impacto das informações on-line na relação médico-paciente.

Os dados do questionário foram analisados descritivamente através da obtenção de frequências absolutas e percentuais para as variáveis categóricas. Para as variáveis idade e variáveis da parte do questionário tipo escala *Likert*, houve a análise inferencial através das estatísticas *Ranking*-médio e desvio padrão. No cálculo do *Ranking*-médio foram considerados os pontos de 1 a 5 para as opções de respostas, sendo o número 1 correspondente à resposta “discordo totalmente” e o número 5 correspondente à “concordo totalmente”. Ainda referente à parte do questionário tipo escala *Likert*, para a comparação das respostas segundo as especialidades médicas, foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis*. No caso de diferença significativa pelo teste de *Kruskal-Wallis* foram utilizados os testes de comparações múltiplas (entre os pares de especialidades) do referido teste. Para o cálculo de relações estatisticamente significativas em relação às variáveis categóricas foi utilizado o teste *Qui-quadrado de Pearson* ou Exato de *Fisher* quando a condição para utilização do

teste *Qui-quadrado* não foi verificada. A margem de erro utilizada na decisão dos testes estatísticos foi de 5%.

Os dados foram digitados na Planilha do Microsoft Office *Excel* e o programa utilizado para a elaboração dos cálculos estatísticos foi o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 23.

O projeto de pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Pernambucana de Saúde, sob o número de CAAE: 56167516.6.0000.5569 e Número do Comprovante: 044236/2016. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e foram orientados quanto ao sigilo das respostas do questionário. Os participantes foram informados também que poderiam desistir da participação na pesquisa a qualquer momento. Após concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes que declararam estarem dispostos a responder o questionário autoaplicável, o fizeram. Não há conflitos de interesses.

III. RESULTADOS

O número total de médicos participantes da pesquisa foi de 183 e o perfil sócio demográfico dos pesquisados encontra-se detalhadamente descrito na Tabela 1. A idade dos profissionais pesquisados variou de 24 a 73 anos, teve média de 38,29 e desvio padrão de 9,88 anos.

Acerca das opiniões e atitudes relatadas pelos pesquisados sobre as interferências das informações on-line sobre saúde na relação médico-paciente, os dados obtidos constam na Tabela 2. Verificou-se que, para a margem de erro fixada (5%) não foram registradas associações significativas entre as especialidades com nenhuma das variáveis descritas na Tabela 2 ($p > 0,05$).

Expõe-se na Tabela 3 o *Ranking*-médio e desvio padrão das respostas das sentenças da parte do questionário tipo escala *Likert*. Ao analisar as respostas dos médicos à essa parte do questionário por cálculos percentuais, observou-se que 73,8% dos pesquisados concordam que as informações on-line

sobre saúde têm efeitos positivos para o público em geral. Entre eles, 91,2% concordaram que a participação dos pacientes em fóruns on-line formados por pessoas com a mesma condição/doença pode melhorar a autoestima do paciente e melhorar a relação médico-paciente. Para a sentença “As informações on-line sobre saúde podem encorajar os pacientes a seguir tratamentos recomendados e a buscar instruções dos profissionais médicos” percentual bastante significativo (91,2%) concordaram. Sobre a possibilidade das informações on-line de encorajar os pacientes que negligenciam sua doença a cuidarem-se mais, 83,1% concordaram. Apesar de a maioria concordar sobre as sentenças acima citadas, 59,6% dos médicos opinaram que essas informações resultam em medos desnecessários sobre a saúde dos pacientes. Além disso 50,3% concordaram que essas informações on-line podem “pôr em risco a boa relação médico-paciente” e 89,1% dos pesquisados discordam da sentença: “a maioria dos pacientes sabe quais informações sobre saúde on-line são confiáveis ou não”.

Comparando o *Ranking*-médio das respostas dos médicos das diferentes especialidades, observou-se diferença estatisticamente significativa ($p=0,032$) em relação à sentença “As informações on-line sobre saúde resultam em medos desnecessários sobre a saúde, por parte dos pacientes”, de forma que para os médicos de Ginecologia e Obsterícia o valor obtido foi 3,57, para os de Oncologia clínica 2,72, para os de Cirurgia (Geral, Oncológica e Plástica) foi de 3,15 e para o grupo Clínica Médica e Dermatologia foi de 3,42.

IV. DISCUSSÃO

O perfil de médicos da amostra estudada compreende que diante de um paciente questionador o médico deve fazê-lo entender sobre seu diagnóstico e tratamento, tornando o paciente agente ativo. Na publicação de Murray e colaboradores, em um estudo nacional nos Estados Unidos, encontrou-se que uma minoria de médicos se sente desafiada por pacientes que trazem

informações de saúde para a visita, achado semelhante ao presente estudo.⁸ Na cidade de Santos, em São Paulo-Brasil, Coelho e colaboradores encontraram que minoria dos médicos (4,76%) pesquisados relataram extremo incômodo quando confrontados com dados que o paciente pesquisou antes ou após a consulta.⁹ Stevenson e colaboradores concluíram que o aumento do ativismo do paciente na busca por informações não interrompe o equilíbrio de poder existente e não altera papéis (médico e paciente) na consulta; as informações on-line sobre saúde são complementadoras ao atendimento do paciente e, portanto, apoiariam o relacionamento terapêutico.¹⁰

A presente pesquisa encontrou que mais de metade dos médicos indicam sites ou fontes de outras mídias além da Internet para esclarecimento de pacientes. Resultado semelhante foi encontrado em estudo transversal conduzido por Schwartz e colaboradores que avaliou 92 médicos dos Estados Unidos, observando que 63% deles relataram que já sugeriram um site específico para seus pacientes.¹¹ Sendo assim, um estudo realizado em sete países europeus solidifica a importância do acesso on-line à informação, demonstrando efeito benéfico ao investigar os padrões de uso de Internet relacionado à saúde pelos cidadãos e constatar que era duas vezes mais comum sentir-se tranquilizado após o uso on-line do que experimentar sensações de ansiedade.¹² Entretanto, o profissional deve encontrar-se familiarizado com a Internet para melhor orientação aos seus pacientes do conhecimento médico, visto que a maioria são pessoas leigas, e devem se engajar mais no aprimoramento de sites com disponibilidade de conteúdo de saúde.

Observa-se que predomina entre os pesquisados uma avaliação favorável das informações on-line sobre saúde, quanto aos seus possíveis efeitos positivos para a condição dos pacientes em geral. Entretanto, pode-se notar insegurança médica em relação ao julgamento dos pacientes sobre as informações acessadas, quanto a sua veracidade, já que cerca de 89% dos médicos concordou que a maioria dos leigos não sabe quais informações sobre saúde on-line são confiáveis ou não. Murray e colaboradores, ainda na publicação de 2003 do estudo nacional com médicos Estadunidenses, concluíram que as informações de qualidade acessadas pelos pacientes têm

efeito benéfico, mas as informações equivocadas têm efeito prejudicial.⁸ Esse efeito poderia gerar consequências deletérias ao paciente na medida em que ele muda aspectos relacionados ao seu tratamento.

Conhecendo os riscos do mau uso dos conteúdos on-line, a maior parte dos sites relativos à saúde constituem uma importante fonte de mercado na cultura atual, pois são mantidos à parte de qualquer regulamentação ou validação das informações que se difundem, permitindo, assim, publicação de dados científicos com impressões subjetivas, eventualmente marcadas por ressentimentos, exibicionismos ou veiculação de ideologias.¹³ Moretti e colaboradores em entrevista com médicos de São Paulo-Brasil, observou-se que os entrevistados deram grande ênfase à importância de iniciativas do setor público no sentido de qualificar as informações de saúde que são disponibilizadas na Internet e o Ministério da Saúde foi o órgão mais citado dentre as entidades que poderiam ser responsáveis pela certificação de sites.¹⁴ Isso poderia minimizar o efeito prejudicial advindo de informações equivocadas sobre saúde na Internet.

Corroborando a importância da indicação de sites adequados, um estudo *survey*, realizado na Austrália, baseado na percepção dos pacientes, concluiu que os profissionais de saúde foram referidos como a opção mais comumente selecionada para ajudar pacientes a encontrar informações credíveis na Internet.^{15,16} O Código de Ética Médica em seu capítulo XIII, expõe ser permitida a participação de médicos em qualquer meio de comunicação de massa para fins exclusivamente de esclarecimento e educação da sociedade.⁵ Dessa forma, o médico poderia ser uma fonte de informações confiáveis para os pacientes, o que se mostra como positivo para ampliar a capacidade do paciente de decidir, apropriadamente, sobre processos de diagnóstico e tratamento, tornando a relação médico-paciente mais confiável e segura. Percentual de 13% dos pesquisados nesse estudo relataram ter página on-line para expor informações sobre saúde destinadas a pacientes.

No presente estudo a maioria dos pesquisados já teve alguma experiência na qual o paciente relatou que modificou aspectos do tratamento recomendado. No tocante a isso, um estudo realizado no Canadá observou que

embora as informações de saúde na Internet tenham algum efeito sobre o processo de concordância entre pacientes e médicos, cabe ao profissional o desenvolvimento de habilidades comunicacionais para convencer o paciente de suas convicções, através da empatia.¹⁵ Desse modo, o médico não deve temer esta nova e já estabelecida ferramenta, nem encará-la como sua concorrente, devendo considerar o esforço do paciente pelas informações trazidas e, com ele, discuti-las. Certificando essa ideia, em uma pesquisa espanhola, 80,8% dos pacientes acreditam que o seu médico estaria disposto a falar com eles sobre as informações encontradas na rede.¹⁷

Posto isso, essa pesquisa realizada na cidade de Madrid-Espanha constatou que a maioria dos usuários da Internet comentou mudanças no comportamento de saúde com o seu médico e, dentre os que mudaram sua forma de pensar sobre saúde após a busca on-line por informações, a maioria também se sente mais interessada sobre tais questões.¹⁷ Assim, podemos observar pacientes mais empenhados em sua saúde e, portanto, mais participativos nas decisões a serem tomadas, comprovando o achado nesse estudo no qual se observa dominância (91,2%) pelo médicos ao concordar que as informações on-line sobre saúde podem encorajar os pacientes a seguir tratamentos recomendados e a buscar instruções dos profissionais médicos.

Observou-se na presente pesquisa que, em meio às especialidades médicas, os oncologistas tendem a discordar da sentença “As informações on-line sobre saúde resultam em medos desnecessários sobre saúde, por parte dos pacientes”, enquanto que as demais especialidades tendem a mostrar-se “sem opinião”. Em paralelo a esse resultado, foi observado número maior de pesquisas sobre pacientes oncológicos obtendo apoio em fóruns/comunidades para auxílio de pacientes.^{18,19,20,21} Assim, pode ser que os médicos oncologistas apresentem opinião mais positiva quanto a busca de sites on-line por pacientes, devido as evidências existentes. Mas é necessário que sejam realizadas outras pesquisas para explicar esse fenômeno.

É válido ressaltar, também, que as seguintes assertivas da escala Likert: “As informações on-line sobre a saúde têm efeitos positivos para o público no geral”, “As informações on-line resultam em medos desnecessários sobre a

saúde, por parte dos pacientes” e “As informações on-line sobre saúde podem pôr em risco a boa relação médico-paciente” trazem resultados que revelam uma discrepância de respostas entre os pesquisados devido ao valor numérico observado ao se aplicar o desvio padrão. A variação de respostas entre concordância total e discordância total de opiniões relatadas sugerem falta de consenso na classe médica consultada e/ou pouco envolvimento pessoal com publicações on-line na área de saúde.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a dificuldade de atingir o correto tamanho da população e da amostra entre as especialidades médicas, visto que os dados obtidos através do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde não condiziam com a realidade presente nos ambulatórios do local de coleta. É fundamental destacar que a pesquisa realizada foi baseada em cálculos feitos pela impressão pessoal dos médicos, e não necessariamente reflete o que ocorre na prática em relação à postura adotada pelos pacientes.

V. CONCLUSÃO

Compreende-se que o acesso às informações sobre saúde na Internet não está isento de riscos, como insegurança e medos, tanto por parte dos pacientes quanto dos médicos. Por outro lado, a promoção de benefícios, através da Internet, como criação de instrumentos no enfrentamento de situações de vida e alívio emocional já são reconhecidas como efeitos positivos para certos pacientes. Deve-se compreender o aspecto cognitivo do paciente como determinante para interpretações das informações on-line sobre saúde e a habilidade médica de avaliação crítica para o discernimento do impacto no paciente da informação encontrada por ele, a fim de determinar se é relevante para a condição do paciente e se é baseada nas melhores evidências disponíveis, visto que os pacientes passaram a ter voz ativa na definição e escolha dos tratamentos através do princípio da autonomia, um direito garantido pelo Código de Ética Médica. Assim, reconhecer a era da informação como um avanço social é necessário, pesando aspectos positivos e negativos, para dar

continuidade ao processo infindável do aperfeiçoamento da comunicação e relação médico-paciente.

VI. REFERÊNCIAS

- 1) Goldin JR, Franciscone CF. Modelos de relação médico-paciente. 1999. [Citado 16 maio 2017]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/relacao.htm>.
- 2) Briet JP, Hageman MG, Blok R, Ring D. When Do Patients With Hand Illness Seek Online Health Consultations and What Do They Ask? *Clin Orthop Relat Res.* 2014; 472(4):1246-50.
- 3) Kurup V, Considine A, Hersey D, Dai F, Senior A, Silverman DG, et al. Role of the Internet as an information resource for surgical patients: a survey of 877 patients. *Br J Anaesth.* 2013; 110(1):54-8.
- 4) Liszka HA, Steyer TE, Hueston WJ. Virtual medical care: how are our patients using online health information? *J Community Health.* 2006; 31(5):368-378.
- 5) Rose S, Bruce J, Maffulli N. Accessing the Internet for patient information about orthopedics. *JAMA.* 1998; 280(15):1309.
- 6) Rocha BV, Gazim CC, Pasetto CV, Simões JC. Relação médico-paciente. *Rev Med Res.* 2011; 13(2):114-8.
- 7) CFM. Código de ética médica: Resolução CFM nº 1931, de 17 de setembro de 2009 (versão de bolso). 2010. [Citado 16 maio 2017]. Disponível em: http://www.cremers.org.br/pdf/codigodeetica/codigo_etica.pdf.
- 8) Murray E, Lo B, Pollack L, et al. The Impact of Health Information on the Internet on Health Care and the Physician-Patient Relationship: National U.S. Survey among 1.050 U.S. Physicians. *J Med Internet Res.* 2003; 5(3):e17.

- 9) Coelho EQ, Coelho AQ, Cardoso JED. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente?. Rev bioét. 2013; 21(1):142-9.
- 10)Stevenson FA, Kerr C, Murray E, Nazareth I. Information from the Internet and the doctor-patient relationship: the patient perspective-a qualitative study. BMC Family Practice. 2007; 8:47.
- 11)Schwartz K, Roe T, Northrup J, Meza J, Seifeldin R, Neale A. Family medicine patients' use of the Internet for health information: a MetroNet study. J Am Board Fam. 2006; 19(1):39-45.
- 12)Andreassen HK, Bujnowska-Fedak MM, Chronaki CE, Dumitru RC, Pudule I, Santana S, et al. European citizens' use of E-health services: A study of seven countries. BMC Public Health. 2007; 7:53.
- 13)Schmidt E, Viana SMRA, Andrade EBM, Fernandes MD, Rezende SPI, Reis PVS, Vasconcelos YA. A inclusão da internet na relação médico-paciente: apenas prós? Rev Bras Clin Med. 2013;11(4).
- 14)Moretti FA, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. Rev. Assoc. Med. Bras. 2012; 58(6):650-658.
- 15)Laugesen J, Hassanein K, Yuan Y. The Impact of Internet Health Information on Patient Compliance: A Research Model and an Empirical Study. J Med Internet Res. 2015; 17(6):e143.
- 16)Lee K, Hoti K, Hughes J, Emmerton L. Dr Google Is Here to Stay but Health Care Professionals Are Still Valued: An Analysis of Health Care Consumers' Internet Navigation Support Preferences. J Med Internet Res. 2017; 19(6):e210.
- 17) Marin-Torres V, Aliaga JV, Miró IS, Vicente MISC, Polentinos-Castro E, Barral AG. Internet como fuente de información sobre salud en pacientes de atención primaria y su influencia en la relación médico-paciente. Aten Primaria. 2013; 45(1):46-53.

- 18)Chiu Y. Probing, Impelling, But Not Offending Doctors: The Role of the Internet as an Information Source for Patients' Interactions With Doctors. *Qual Health Res.* 2011; 21(12):1658-66.
- 19)Broom A, Tovey P. The role of the Internet in cancer participants' engagement with complementary and alternative treatments. *Health (London).* 2008; 12(2):139-55.
- 20)Bylund CL, Gueguen JA, D'Agostino TA, Imes RS, Sonet E. Cancer participants' decisions about discussing Internet information with their doctors. *Psychooncology.* 2009; 18(11): 1139-46.
- 21)Chen X, Siu LL. Impact of the media and the Internet on oncology: Survey of cancer participants and oncologists in Canada. *J Clin Oncol.* 2001; 19(23):4291-7.